

“Cuidado de si”, “imperativo de realização de si” e produção de subjetividades em redes carismáticas da Igreja Católica no Brasil no meio universitário¹

Marcelo Ayres Camurça

Resumo

O artigo realiza uma análise da atuação de um “Grupo de Oração Universitária” (GOU) ligado ao movimento da Renovação Carismática Católica na Universidade Federal de Juiz de Fora. Buscou-se por meio de uma teoria do ritual compreender os dispositivos pelos quais esse grupo procura constituir uma identidade diante dos outros estudantes e do contexto universitário laico e científico. A análise das performances realizadas nas reuniões do grupo permite perceber a articulação entre tradição, conservadorismo e modernidade, o que pode explicar o êxito deste empreendimento.

Palavras-chave: Carismáticos. Catolicismo. Rituais. Universidade. Tradição. Modernidade.

Introdução

Vivemos na contemporaneidade uma crise da sociedade enquanto instância de referência para o indivíduo, onde a incerteza e o risco predominam sobre qualquer ideia de projeto mais sólido de vida, como sublinharam Bauman e Beck.² Esse clima de incerteza leva a uma intensificação de um “cuidado de si”,³ com o indivíduo bus-

¹ Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional (RJ), pós-doutorando na Ecole Pratique des Hautes Etudes-Sorbonne na seção de Sciences Religieuses e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² A pesquisa contou com a participação de duas bolsistas de iniciação científica estudantes do curso de Ciências Sociais – Ana Paula de Melo Lima e Alânia Mara de Lima Magalhães Felix –, a quem agradeço a imprescindível colaboração.

cando na “autenticidade” de suas emoções, no refúgio de seu “inner self”, o lugar privilegiado de sua existência; assim como na partilha dessas “vivências” em “comunidades emocionais”, com cada indivíduo que também as experienciou.⁴

O rebatimento disso para o domínio da religião promove, segundo Danièle Hervieu-Léger,⁵ a gênese de uma “religião pós-tradicional”, assentada nas opções pessoais dos indivíduos, que não provém do que estabelece uma tradição, mas, ao contrário, transfere o imperativo do determinismo desta para a iniciativa e criação dos indivíduos. A modalidade religiosa em curso na atualidade acompanha, então, essa cultura global do indivíduo que coloca em primeiro plano o “imperativo da realização de si” por sobre todos os domínios da vida social.⁶ Enfim, a ideia é de que todo laço social repousa sobre o consentimento do indivíduo e não consegue obter legitimidade fora da vontade deste indivíduo.⁷ É essa dinâmica que, segundo François Dubet, tem presidido na atualidade as relações no casamento, entre pais e filhos, entre patrões e empregados e entre mestres e alunos, abalando todas as hierarquias das “grandes instituições” (escola, empresa, casal, família, etc.).⁸ E a Igreja Católica, para Hervieu-Léger, não fica imune a esse processo. Portanto, para a autora, a via religiosa mais em voga na modernidade é aquela que mais assegura a realização das potencialidades pessoais de cada um.⁹

Nesse sentido, buscamos examinar neste artigo um rol de ofertas recentemente surgidas dentro da instituição religiosa da Igreja Católica, na sua faceta carismáti-

ca, que – na contramão da prática milenar de impor de forma absoluta suas crenças pela tradição e atavismo – proporcionam via o “imperativo da realização de si” um oferecimento de “segurança ontológica”¹⁰ para a falta de sentido que atravessa a existência do indivíduo moderno. A forma como se expressam é por meio de redes móveis de cuidado e proteção, que, no entanto, paradoxalmente, buscam se encaixar na hierarquia tradicional e milenar do catolicismo e reforçá-la.

Pode-se observar nesse fenômeno uma forma nova de pertença à tradição católica, pela escolha pessoal, ou seja, um acesso ao dogma a partir de uma opção pessoal.¹¹ Nesse processo complexo produz-se uma reestruturação da personalidade num plano individual, no entanto, dentro da simbólica totalizante da tradição católica. Como resultante disto, parece ocorrer no indivíduo a constituição de um *self* sagrado, liberto dos “pecados” vivenciados de forma psicológica (fobias, culpas, traumas, etc.), libertação sentida como êxtase, fruição e emoção, porém ao lado do reforço neste mesmo indivíduo de um *éthos* católico rígido, de alguém munido de uma ética de disciplinarização de condutas, que se traduz na frequência engajada na missa, nos sacramentos e na condenação das outras religiões.¹²

Esse fenômeno se espraia na Igreja Católica, criando espaços ágeis, nos quais indivíduos podem, por meio de performances, produzir um “cuidado de si” e subjetividades. Nesses espaços conectados em redes, sem perder a pertença à instituição total da Igreja nem uma mentalidade con-

servadora e ascética, dentro do mesmo movimento, interpenetram-se com esferas profanas dos *mass media*, da cultura psi, do lazer e consumo.¹³ São eles: Comunidades de Vida e de Aliança, grupos de Oração Universitária, Toca de Assis, aparições marianas, espaços midiáticos católicos-carismáticos (TV Canção Nova, programas do padre Marcelo Rossi).

Procuramos eleger, dentre essas “novas comunidades católicas”,¹⁴ como locus de nossa “observação participante” os grupos de Oração Universitários (GOU) do Projeto Universidade Renovada (PUR), ligados à Renovação Carismática Católica (RCC) situados na UFJF. Surgidos neste espaço por excelência da laicidade, que conjuga a ciência e a formação profissional que é a universidade, buscam funcionar como um contraponto à racionalidade cientificista prevalente nesta, como um espaço de acolhida e de afetividade, uma “segunda família”¹⁵ para jovens desenraizados de seu lugar de origem e em processo de “anomia” no novo contexto e como um lugar que permite o desabrochar espiritual dos indivíduos, atendendo às necessidades mais recônditas do seu ser subjetivo em meio a reuniões emocionais comunitárias.

Esses grupos se constituem como lugar privilegiado para a observação de práticas que combinam escalas “micro” e “macro” do trânsito, que vai de sensibilidades pessoais em direção a uma moral oficial do catolicismo (e vice-versa), envolvendo questões cruciais da Igreja Católica no espaço público, como as discussões sobre o aborto, as pesquisas genéticas com

células-tronco, assim como a formação de um modelo de profissional baseado nessa ética religiosa.¹⁶

Observação através dos rituais

Pretendeu-se, por meio de uma interpretação dos rituais – como ações que não apenas “fazem coisas”, mas que “dizem coisas”¹⁷ – que acontecem nesses espaços, verificar como articulam o “interior de si” com a corporeidade e a presença no espaço público, tendo como pano de fundo a tradição religiosa.

De início, nossa hipótese foi de que duas modalidades de rituais seriam mais representativas desses espaços: as do cuidado (dentro de uma dimensão mais psi da subjetividade) e as do louvor (também partindo de uma perspectiva emocional e subjetiva), embora essas duas dimensões tendessem a se interpenetrar. Partiu-se da ideia de que no primeiro ritual prevalece uma interface com a esfera cognitiva de configuração psi, do autoconhecimento, autotratamento e autoaprimoramento, o que Csordas chamou de uma “psicoterapia ritual” (1994), ao passo que no segundo caso a interface se dá com a cultura de massa *pop*, onde a religião católica mimetiza-se com as técnicas de comunicação, *mass-media e marketing*,¹⁸ produzindo-se uma devoção religiosa vivida como entretenimento e vice-versa.

Acompanhamos por dois anos (2007-2008) as reuniões do Grupo de Oração Universitário do Instituto de Ciências

Biológicas (ICB), que se davam todas as quartas-feiras no início da tarde, no horário de intervalo das aulas. É um grupo que aglutina cerca de vinte estudantes dos cursos de Medicina e Enfermagem, assistidos por três universitárias do Núcleo (instância mais graduada e comprometida com a Renovação Carismática), pertencentes aos cursos de Educação Física, Ciência da Computação e História. A maioria dos integrantes é do sexo feminino.

Ao contrário da experiência de Oliveira na sua pesquisa com a Comunidade de Vida “Canção Nova”, onde prevaleceram a desconfiança e a ocultação de um “segredo” do grupo em relação à pesquisadora,¹⁹ a acolhida para a pesquisa por parte dos coordenadores e dos membros do grupo foi ampla.²⁰ O diário de campo de nossas bolsistas/pesquisadoras registra uma ausência de “estranhamento” dos membros do grupo a nossa atividade junto a ele, e credita esta abertura ao fato de serem também estudantes universitárias, havendo “uma identidade universitária e de instituição, a UFJF”, que tornavam esse “exótico, familiar”.²¹ Afinal, “todos nós somos nativos” numa antropologia de sociedades complexas, onde contemplamos uma “alteridade mínima”.²² Também a ideia de cuidado que preside o comportamento do grupo, aliado ao lado de missão e catequese de novas pessoas para o grupo, faz-se presentes neste espírito de acolhimento e integração com que o grupo recebeu a pesquisa. Arriscamos ainda o argumento de gênero (sem nos aprofundarmos nele) para compreender o bom trânsito de nossas bolsistas/pesquisadoras neste grupo de

hegemonia feminina, que se traduziu nas conversas que se davam entre elas na cantina e refeitório da UFJF, como também na “república” onde viviam as meninas carismáticas.

Procuramos ver essas reuniões dentro de sua estrutura ritual, que, de uma maneira geral, divide-se em etapas. Primeiro, uma apresentação pessoal de cada um dos presentes (nome, curso e período), passando-se em seguida para um momento de oração, que é sucedido por um momento de música acompanhada por violão. Este momento pode ser subdividido em dois, o de uma música mais vibrante, acompanhado por palmas, dança e gestos efusivos, e o de uma música mais suave, que leva a um momento de instropeção, meditação e interiorização das mensagens veiculadas. Logo depois vem a leitura de uma passagem do Evangelho, escolhida pelas pessoas do Núcleo e após a leitura as integrantes do Núcleo fazem uma interpretação do texto bíblico, correlacionando os ensinamentos contidos no livro sagrado com o cotidiano da vida de cada um. Nesse momento também se colocam pessoalmente quanto à recepção da mensagem evangélica nas suas vidas. Todos os presentes são convidados a também a fazer sua exegese pessoal do texto bíblico e a se colocar pessoalmente diante da mensagem. Por fim, o ritual encerra-se com uma oração final, um abraço coletivo com os votos de uma “paz de Cristo” e o que chamam de “Paição”, um gesto em que todos, abraçados em forma de círculo, colocam o pé direito no centro da roda.

As fases do ritual

Antecedentes

De forma geral, o ritual não se diferencia muito daqueles mais canônicos da instituição católica, como, por exemplo, o principal deles – a missa –, com seus ritos iniciais, centrais e de encerramento. São etapas bem definidas, de prece ora comunitária, ora individual, cânticos de louvor, leitura bíblica e sua exegese, momento de comunhão e de confraternização, etc. As inovações observadas assemelham-se às “missas jovens” (com guitarra, música jovem e ênfase no aspecto lúdico) ou às “missas inculturadas” (dentro de cada “cultura” particular: missa afro, da favela, operária). No nosso caso, é uma cerimônia adaptada ao contexto universitário, de acordo com o espírito da renovação canônica mais moderna, na senda do Concílio Vaticano II.

Não encontramos nesses rituais nenhuma manifestação carismática, como a “oração em línguas”, o dom da “profecia” ou da “cura”, que demarcaram singularmente o movimento carismático e o próprio surgimento do Projeto Universidades Renovadas (PUR) advindo de um “sonho” profético de seu fundador, o Mococa.²³ Tudo pareceu bem adaptado ao ambiente universitário, pois, a despeito da mensagem e do fervor religioso que a cercava, buscava-se fazê-la com certa sobriedade, evitando manifestações místicas, extáticas, que têm caracterizado o movimento.

Também pudemos observar que a exegese da palavra bíblica se encontra democratizada entre os membros do grupo, não

mais restrita à homília sacerdotal, como na missa formal. Ainda, aqui há proximidades com as celebrações das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que visavam questionar o domínio hierárquico e clerical na Igreja e estimular o protagonismo dos leigos, como o “povo de Deus.”

Pode-se observar nesses rituais uma espécie de “Calendário Litúrgico”, como que os ordenando. Pudemos divisar rituais consagrados a temas como o da acolhida, ao culto Mariano, evocando o final do semestre e as férias de julho e dezembro, o Natal, enfim, acompanhando uma sequência das efemérides católicas e o calendário escolar.

Outro aspecto interessante é que as coordenadoras do Núcleo, antes de cada reunião – que acontecem nas salas de aula vazias durante os intervalos dos cursos –, escrevem na lousa os pontos importantes da reunião com a frase “buscamos unir fé e razão”. A utilização deste recurso dentro dessa ambiência tão característica não deixa de evocar uma aula ou um seminário, ao invés de um culto carismático.

Apresentação

Num período de informes que antecede o ritual propriamente dito, avisa-se sobre uma “caixinha de pedidos”, onde cada pessoa pode depositar um pedido para que o Ministério de Intersecção faça orações nessas intenções. Todavia, informa-se que ninguém se preocupe porque não se leem as mensagens; apenas se reza sobre os papéis. Aqui, ainda, há a reprodução de um modo convencional do catolicismo, dos pedidos e

intenções, em face do cotidiano e das crises de vida, mas também um indicador na direção do que apontávamos como a busca de articulação constante da biografia pessoal de cada membro com o domínio simbólico-mítico-ritual maior da tradição católica.

Apesar da constância de participantes – flutuação em torno de vinte –, a apresentação dos presentes foi uma constante como momento inicial da reunião. A chegada de pessoas novas foi sempre momento de entusiasmo.

Oração de abertura

O rito inicia-se sempre com uma oração, seja o Pai Nosso, a Ave Maria ou a Oração do Anjo do Guarda: “O Anjo anunciou a Maria, E ela concebeu do Espírito Santo, Ave Maria cheia de graça, Eis aqui a serva do Senhor, Faça-se em mim segundo Tua Palavra, Ave Maria..., E o Verbo se fez carne, E habitou entre nós, Ave Maria [...]” Como a oração é sempre rezada em conjunto, a última, do anjo, teve cada trecho recitado pelos participantes, inclusive pelas pesquisadoras que acompanhavam a cerimônia.

No momento da oração todos os presentes permanecem de olhos fechados e em clima de intensa entrega, devoção e respeito. É também um momento no qual as coordenadoras do Núcleo pedem bênçãos para o todo grupo, mas também cada uma pede bênçãos para todos e para si mesma (para seu projeto de pesquisa, para um bom desempenho nas provas e no relacionamento com amigos). Aqui há a valorização de um cuidado que abrange o todo e cada parte.

Momento da música

De fato, a música se reveste de suma importância para o ritual. Entoada geralmente com um acompanhamento de violão, visa criar um clima propício para um momento orante significativo, no qual se articula o conteúdo da mensagem católica a ser difundido na reunião com o subjetivo das pessoas, despertado através de suas emoções.

a) *Música animada*

Começa-se sempre com uma música alegre acompanhada com violão e palmas, que desemboca numa coreografia a ser encenada. Esta pode ser a “Chuva de Jesus”, na qual, com as mãos espalmadas com movimentos de cima para baixo, as pessoas fazem gestos para imitar a chuva caindo. Nesse momento as coordenadoras dizem estar chovendo não gotas d’água, mas amor, e fazem uma conclamação para se pensar nos locais e pessoas onde esse amor deverá chover. Também pode ser a “Canção da felicidade”, com a imitação de animais: “abelhinha”, “patinho”, criaturas de Deus; ou, ainda, uma música cantada com fervor que pede o acolhimento de Deus: “Uma vida nova em Cristo venha experimentar, Vem de coração aberto, Olhe, olhe mais longe além do mundo, voe pro céu, Busque, busque o alto por sobre a vida, Por sobre o trono onde está Deus, Ah, ah, ah!!! Ao centro vou me lançar...”

Encenam também a coreografia da “olaria de Deus”, na qual cada participante tem de entrar no meio da roda e dançar ao ritmo da música, abaixando-se e depois

se levantando, ou seja, descendo como um vaso quebrado e subindo como um vaso novo, ao som da canção: “A fulana vai ter que entrar na olaria de Deus, ela desce como um vaso velho e quebrado e sobe como um vaso novo.”

b) *Música lenta*

O ritmo da música começa a mudar, fica mais lenta, transmite calma e induz as pessoas reunidas a um momento de reflexão e de interiorização das mensagens; de reconhecimento do poder divino, que leva à paz e ao amor, veiculadas em voz doce e calma pelas coordenadoras do Núcleo.

Tendo como pano de fundo a música suave e envolvente, estas pedem que todos se coloquem em oração silenciosa “na presença de Deus, porém alta em nossos corações”, entregando “nas mãos do Senhor, todos nossos compromissos, problemas, tarefas e provas”.

É uma música que pede a interseção do Espírito Santo. Um momento no qual a experiência emocional aflora é quando todos, de olhos fechados (de onde escorrem lágrimas furtivas), entregam-se em pensamento à providência divina do Espírito Santo, pedindo que transforme suas vidas: “Vem Espírito Santo, Transformar minha vida, Quero renascer, Vem, vem, vem Espírito Santo, Transformar minha vida...”, diz o canto.

Quando a reunião foi uma celebração dedicada a Maria, o cântico ao fundo embalava uma oração de acalanto, durante a qual, de olhos fechados, era pedido que todos tivessem um momento íntimo e filial com a Virgem: “Oh, minha alma, retorna a

tua paz, como criança bem tranqüila, pede o acolhimento a tua mãe, minha mãe, é a Virgem Maria.”

Esta parte do ritual se finda como momento de passagem ao subsequente, visando estabelecer um estado de sereno envolvimento, assim como um clima de tranqüilidade para o início da leitura de um trecho da Bíblia, do Evangelho

Leitura e exegese do texto bíblico

Após a leitura do texto sagrado, a iniciativa da interpretação é sempre das coordenadoras do Núcleo, mas em seguida a palavra é franqueada para os demais, que também se colocam em termos pessoais sobre o impacto da mensagem do Evangelho nas suas vidas. Embora se note uma preeminência na interpretação das coordenadoras como condutoras do processo, toda manifestação que relacione o patrimônio dos dogmas e imagens do catolicismo como revigorante e transformador de sua vida é bem vinda. Em suas anotações de campo, uma de nossas pesquisadoras fala de “discussão” em torno do texto bíblico, o que denota um clima plural de expressão de posições e menos de imposição de uma única hermenêutica ao texto. Pensamos que isso é possível em razão do caráter amplo e geral das interpretações – sempre relacionando uma mensagem/imagem consagrada do catolicismo a uma situação pessoal entremeada pela emoção –, o que dilui possíveis controvérsias.

Na exegese ao Evangelho realizada pelos membros do Núcleo podemos notar uma recorrência ao uso dos símbo-

los sagrados do catolicismo, como espécie de clichês, que buscam corresponder e se adequar a cada problema, aflição e infortúnio da vida cotidiana das pessoas: Maria, como a “intercessora”, a “mãe”, aquela que “fala com o Pai primeiro”, aquela que “acolhe”; Jesus, como o “amigo de todas as horas”; o Espírito Santo, como aquele que “inspira”, “preenche” de sentido o vazio de nossas vidas.

Numa das interpretações realizadas pelas pessoas do Núcleo, acerca de uma parábola do Evangelho que falava de dois irmãos e uma herança e que tinha como moral evitar a ganância e desenvolver valores espirituais em nossas vidas, foi utilizado à expressão “cuidado de Deus”, que significa para eles “cuidar da vida em todos os momentos do cotidiano sempre deixando Deus se fazer presente”. O tema do “cuidado de Deus” foi retomado em outras preleções, como na da passagem do Evangelho sobre Zaqueu, que deixa sua casa desarrumada, privilegiando o encontro com Jesus, expressando a confiança de “deixar Deus cuidar de nossa vida”.

Foi deveras significativo encontrar um conceito nativo que valoriza o cuidado como forma de estar no mundo, acentuando uma afinidade eletiva entre nossas preocupações e aquelas de nossos pesquisados.

a) *Rito de encerramento*

O ritual encerra-se em geral com a oração do Pai Nosso, ou da Ave Maria, ou ainda do Anjo da Guarda; em seguida, o “Paizão”, com a roda, o abraço e o pé direito dentro, uma marca da fraternidade entre os membros.

No Natal a oração foi acompanhada pelo “abraço da paz” com votos de feliz Natal e convites para o reencontro no ano seguinte nas reuniões do Grupo.

Na reunião dedicada a Maria a oração de encerramento foi a Salve Rainha, considerada por eles como “a oração que chacoalha os céus”.

Outros ritos intercalados nas reuniões

Pudemos observar também outros recursos simbólicos que foram encaixados dentro das sequências fixas da reunião como que para reforçar sua eficácia de persuasão. Na reunião consagrada a Maria, após a música suave e a interpretação do papel de Nossa Senhora como a mãe acolhedora, passou-se um chaveiro entre os participantes em que Maria era representada com o menino Jesus nos braços.

Em outra reunião, também no momento da música tranquila e da interpretação do conteúdo da leitura sobre a “aliança com Deus”, uma das pessoas do Núcleo trouxe uma bacia com água e pediu para todos “como prova de uma aliança com Deus lavem suas mãos”. E todos foram lentamente ao meio da roda e lavaram as mãos no recipiente com aquela água, agora “benta”.

Apesar da continuidade bem marcante com o catolicismo tradicional expresso na materialidade destes “sacramentos” – imagem do santo, água benta –, pode-se notar neste ritual um significado subjetivo para além da relação com objeto sagrado, que é o momento de “entrega do seu ser a Deus”, instante íntimo de relação com

a divindade, sentido subjetivamente, que aquele ritual proporciona.

Conclusão

Aqui não foram contemplados outros aspectos das atividades do Grupo do ICB e dos outros GOUs da UFJF, como um projeto de ação social junto a comunidades carentes da periferia de Juiz de Fora,²⁴ ou também os debates promovidos e as posições assumidas neles, ou pela internet em *chats*, grupos de discussão, sobre as questões éticas e morais das políticas públicas e sociais, como o aborto, as pesquisas com células-tronco, homossexualismo, etc.²⁵ Nosso recorte, ao privilegiar o espaço das reuniões regulares do grupo, levou-nos à via do ritual como recurso teórico para investigar a dimensão das redes de cuidado carismáticas na universidade. Isso não significa dizer que a questão do cuidado não esteja presente também nesses outros domínios de crenças e práticas carismáticas; o que sugerimos é que o caminho escolhido mostrou-se interessante para explorar essas possibilidades.

Ao focarmos primordialmente os rituais das reuniões deste grupo, estamos conscientes de que não cobrimos a totalidade de outras reuniões dos diversos GOUs da UFJF e de outras faculdades da cidade, e também dos encontros (com seus consequentes rituais) que reúnem um conjunto maior de grupos da cidade e circunvizinhanças: como o “Golaço” (encontro de todos os GOUs da cidade, realizado cada mês), o mais importante deles; o “RUAH” (que significa em hebraico “sopro no Espí-

rito, pela sua envergadura de reunir o conjunto de pré-universitários, universitários e profissionais recém-graduados de toda a região), e, por fim, o chamado “Perseverança” (três reuniões pós-RUAH de balanço deste).

Esse olhar panorâmico para um espectro maior de atividades dos Grupos de Oração Universitária poderia colocar mais informações e dar mais densidade e complexidade a nossa análise, porém ficamos devendo para uma próxima pesquisa. Em linhas gerais, os rituais e as práticas em torno do Grupo de Oração Universitário observado amplificaram e operaram alterações de curso nas hipóteses iniciais das dinâmicas de cuidado e louvor desenvolvidas nele.

A alteração principal resultante do processo de pesquisa aconteceu no que chamamos inicialmente (a partir de uma literatura acadêmica consagrada ao tema), de “cuidado” e “louvor”, como conceitos que poderiam ser tomados em separado. Estes, ao contrário do que esta repartição esquemático-conceitual a princípio parecia sugerir, apareceram como realidade empírica, imbricados durante todo o tempo, tornando-se difícil precisar onde começava um e terminava outro. Dessa forma, representá-los, cada um, como categoria autônoma não redundou produtivo para uma contribuição teórica de interpretação do fenômeno.

Por outro lado, como também não apareceram nas reuniões do grupo momentos mais catárticos, pelos quais a cultura carismática passou a ser classificada pela sociologia do catolicismo contemporâneo,

que, no caso do cuidado, poderia se exemplificar nas práticas de “cura interior”²⁶ e na do louvor, nas práticas de glossolalia e “batismos no espírito”,²⁷ ficou mais difícil diferenciar nesse carismatismo *light*, de *low profile*, especializações e delineamentos mais precisos de lugares sedimentados e identitariamente bem demarcados.

Portanto, se pensarmos o cuidado consigo mesmo e com o outro numa escala comunitária atravessada pelos códigos da doutrina, dogma e imaginário de um catolicismo milenar, não poderemos negar-lhe a dimensão de efervescência coletiva e cerimonial de religação. Da mesma forma, se pensarmos o louvor para além de sua acepção de efervescência, mas guardando dele o aspecto total de fruição para com a alteridade (Deus e/ou o próximo), na configuração que lhe deu Buber do Eu-Tu,²⁸ poderemos vê-lo como o paroxismo do cuidado, no qual o que importa é o aprimoramento da relação autêntica com o outro.

A dimensão da amizade é considerada sempre como algo crucial a ser cultivado para a identidade e reprodução do grupo. Nas preleções das reuniões a partir da leitura bíblica, a figura de Jesus é apresentada como a de um amigo, daquele que compartilha com você os momentos de alegria e tristeza; um Jesus sentido como um ser presente na própria vida, e não evocado apenas “em palavras”, de um ponto de vista formal e doutrinário. Os depoimentos dos membros frisam que foram os “gestos de amizade” que os cativaram para valorizar o espaço do grupo como lugar privilegiado de convivência. Uma delas lembra que, após o primeiro contato com o GOU,

estando de férias em casa “ficou encantada” com as cartas que recebia das pessoas do grupo, demonstrando grande interesse por ela. O que é então valorizado no grupo é o constante voltar-se para uma experiência de autenticidade, que deriva para “amizades verdadeiras” dentro do grupo e para um “encontro fascinante com Deus”.

Mesmo as pesquisadoras/bolsistas deixaram anotado nos seus diários de campo o clima de delicadeza partilhado entre todos e dispensado a elas em várias reuniões, como, por exemplo, naquela do “Anjo Oculto” na época do Natal. Remarcaram o fato, de as “lembrancinhas” ofertadas na reunião pelas pessoas do Núcleo espelharem o “capricho” com que foram confeccionadas. Referem-se ao “espírito de amizade e companheirismo que atravessa o ambiente” e ao espírito de dádiva que envolve aquela troca singela de chocolates com bilhetes, sublinhando o fato de que cada membro do grupo mencionou ter rezado pelo seu “amigo oculto” durante toda a semana.

Este binômio cuidado-louvor (que releva da esfera da gratuidade, da autenticidade, da descontração e da fruição) está presente nos depoimentos dos membros e frequentadores quando enfatizaram a dimensão da diversão, da alegria e de um lugar de conhecimento de novas pessoas. É o encontro com Deus se dando num espaço prazeroso.

Os rituais buscam se mimetizar com costumes de plena aceitação nos divertimentos juvenis: o “amigo oculto” como “anjo oculto” (e se não estamos fazendo uma interpretação maldosa), a dança da

“abaixadinha do grupo musical ‘É o Tehan’” como a do “vaso que desce quebrado e sobe inteiro”, enfim, todos comportamentos prosaicos e jocosos que podem se transfigurar em sagrado, tornando-se sublimes sem perder a descontração profana.

Em relação ao comportamento das universitárias do grupo, uma disse que “gosta muito de se divertir, sair, ir a festas e até beber”, porém “tudo dentro dos limites, sabendo a hora de cada coisa”. Esta universitária do Núcleo do GOU procura se demarcar de duas condutas: as dos pentecostais, para quem o “mundo” é lugar do pecado e deve-se apartar dele, e a dos jovens laicos, que fazem piadas preconceituosas com as jovens do seu grupo carismático quando as encontram em festas, dizendo que “as santinhas são as piores!”. Diz “que ser do mundo é ser de Deus, pois o mundo foi criado por Deus [...], que, mesmo indo a festas para se divertir, sabe que Deus faz parte de sua vida e que pode errar, pois não é uma santa, mas que existe uma base maior que cuida de seus atos e que a ajuda a seguir o caminho certo”. Aqui encontramos uma flexibilização maior da conduta moral em relação ao que a literatura acadêmica sobre carismáticos até então tinha registrado, na qual uma rígida ascese é praticada, mesmo que em meio a uma grande porosidade com os estilos de vida moderna.²⁹

Em trabalhos anteriores ressaltamos também a composição exitosa realizada pelos (jovens) carismáticos entre patrimônio tradicional-conservador da Igreja, traduzido em subjetividade reflexiva, que se expressava nas frases estampadas em

camisetas e bonés da cultura *pop* envergadas pelos jovens carismáticos: “Castidade! Deus quer e você consegue!”³⁰ Este “combate pela castidade”, adequado a uma realidade (pós) moderna e utilizando dos recursos de uma linguagem *tecno, pop, ciber* para se reproduzir, também foi contemplado por Silveira³¹ no estudo de caso de uma festa de jovens carismáticos intitulada *happy day*, em contraposição ao *haloween* (Dia das Bruxas) realizada no Dia de Todos os Santos. Nela os jovens comparecem fantasiados dos Santos de sua predileção e dançam ao som de música *tecno, rock* num salão paroquial, sob os olhos vigilantes dos adultos responsáveis pela RCC local.

Esse mimetismo com o meio profano, segundo o autor, não leva necessariamente a um hedonismo, pois se acrescenta a ele um novo significado, o do sagrado, no qual rock, fantasia, corpo são presididos e depurados do pecado pela “ação do Espírito Santo”. O “mundo decaído” é considerado como um plano onde o jovem religioso não deve se furtar de estar, porém com a missão de transfigurá-lo em sagrado. No entanto, a ambiguidade presente nas festividades, do excesso, da sensualidade, tende a irromper como risco de “pecado”, o que é controlado por meio de encenações metafóricas em que os “espíritos malignos” (das drogas, sexo, e violência) são perfommatizados e coreograficamente “exorcizados” numa dança de levantar e impostar as mãos com o refrão: “saí!”³²

Entretanto, na direção da flexibilização encontrada no depoimento da jovem carismática à nossa pesquisa, também Silveira, em trabalho recente, aponta vários

deslizamentos em relação à capacidade de controle do sagrado/dogmático por sobre o profano nos experimentos “midiático-consumeristas” da juventude carismática.³³ Várias gradações, de maior aproximação ou afastamento em relação a um tipo ideal sagrado ou profano aparecem na sua etnografia. Desde o caso de jovens carismáticos da Banda Rosa de Saron (com um visual de cabelos coloridos, *piercings*, correntes), que afrontam uma crítica católico-conservadora que os associa ao *new age* pelo conteúdo de suas letras ao mostrar Deus como vento e sol, mas que expressam esse Deus que “energiza” e “santifica” com a finalidade de dar “disposição para lutar pela castidade”,³⁴ até o caso de casais que namorando “mais intensamente [...] se formavam e se desfaziam nos cantos do salão” de uma Cristoteca, no habitual costume jovem do “ficar”, justificado por um deles pela necessidade de “experimentar”, pois “não basta ‘ser de Deus’ [...] para saber se a menina é legal para namorar [...] precisa ter afinidade!”³⁵

Neste particular, experimenta-se o dilema da relação religião e (pós)modernidade já problematizada por nós em outro momento³⁶ em torno da questão: pode a religião “sacralizar o profano” da modernidade em todas suas manifestações, por meio de um poderoso mecanismo de superposição do *label* “de Jesus” nestas (ex: aeróbica de Jesus, barzinho de Jesus, Cristotecas, internautas de Cristo, atletas de Cristo, etc.)? Ou, uma vez absorvendo a lógica, estética e sentido do mundo moderno, a religião resulta colonizada e submetida às exigências de suas engrenagens?³⁷

Para enfrentar essa questão é preciso pensar numa complementaridade (ainda que tensa) entre esses termos (sagrado/profano), mas que se sustenta numa polaridade, comutando os termos entre si (ora empregando valor positivo/negativo a um dos polos). Para Steil é na religião do *self* “onde as mercadorias, o lazer, o espetáculo se tornam instrumentos indispensáveis pra produzir significados espirituais e morais”.³⁸

Portanto, cada vez mais é preciso ver essas combinações entre tradição/modernidade, dogma/opção individual, circunspeção/entretenimento promovidas pelos carismáticos católicos menos como um recurso para firmar um anteparo contra influências externas (de toda a sorte) à Igreja Católica (embora eles também sustentem vários sinais diacríticos, como o culto a Maria, a obediência ao papa, etc.). A imagem de “porta giratória” sustentada por Steil,³⁹ promovendo a entrada e saída de fluxos de elementos, sensibilidades, experiências, que se processam, se configuram e se reconfiguram “dentro” e “fora” da Igreja e do “mundo”, parece ser a melhor para nos aproximarmos do fenômeno.

“Care of the self”, “imperative of self-realization” and production of subjectivities in charismatic networks of the Catholic Church in Brazilian academia

Abstract

The present essay aims at analyzing the praxis of the so-called “University Group of Prayer”, a group formally attached to the Catholic Charismatic Renewal of Juiz de Fora, Brazil. Based on a ritual theory approach, the essay tries to understand the mechanisms developed by the group in order to foster a distinctive identity within a larger university context marked by laicity and scientificism. The analysis of the various performance postures adopted by the group members at their regular meetings, lends intelligibility to the underlying articulation between tradition, conservatism and modernity, which could perhaps explain the success of the whole enterprise.

Key words: Charismatics. Catholicism. Rituals. University. Tradition, Modernity.

Notas

- ² BAUMAN, Zigmund. *A sociedade da incerteza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; BECK, Ulrich. *World risk society*. London: Sage, 1999.
- ³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. v. 3.
- ⁴ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Christianisme et modernité* (éd. avec R. Ducret et P. Ladrière). Paris: Cerf, 1990.
- ⁵ HERVIEU-LÉGER, Danièle. Les manifestations contemporaines du christianisme et la modernité. In: HERVIEU-LEGER, D.; DUCRET, R.;

- LADRIERE, P. *Christianisme et modernité*. Paris: Cerf, 1990b. p. 297-316; HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993; HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catholicismo: el desafío de la memoria. *Sociedad y Religión*, n. 14/15, p. 9-28, 1996b (traducción de Lydia Subotosky y Maria Eva Hadida); HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion en miettes ou la question des sectes*. Calmann-Lévy, 2001.
- ⁶ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003. p. 82.
 - ⁷ Idem, p. 88.
 - ⁸ DUBET, François. *Le déclin de l'institution*. Paris: Seuil, 2002.
 - ⁹ HERVIEU-LÉGER, Danièle, 2001.
 - ¹⁰ GIDDENS, Anthony. A vida numa sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997; BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem*. Petropolis: Vozes, 2004.
 - ¹¹ SILVEIRA, Emerson Sena. *Tecnologia e ética de si: subjetividade e performance na cura interior católico-carismática a partir da figura do curador*. Tese (Doutorado) - PPCIR/UFJF, 2006; SILVEIRA, Emerson Sena. A “posse de Espírito”: cuidado de si e salvação. *Rhema*, v. 6, p. 143-169, 2000; CAMURÇA, Marcelo Ayres. As muitas faces das devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. *Fragmentos de Cultura*, v. 16, n. 3/4, p. 257-270, 2006.
 - ¹² PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997; CARRANZA, Brenda. *Renovação carismática católica: origens, tendências, mudanças*. Aparecida: Santuário, 2000.
 - ¹³ STEIL, Carlos Alberto. Renovação carismática católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José em Porto Alegre (RS). *Religião e Sociedade*, v. 24/1, p. 11-36, 2004; MARIZ, Cecília L. A renovação carismática católica: uma igreja dentro da Igreja?. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 169-186, 2003.
 - ¹⁴ CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília. *Novas comunidades católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009.
 - ¹⁵ MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. *Tempo So-*

- cial - Revista de Sociologia da USP, p. 263-274, 2006.
- ¹⁶ PROCÓPIO, Carlos. A RCC na universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Org.). *Novas comunidades católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009. p. 79-106.
- ¹⁷ LEACH, Edmund. *Ritual*. International Encyclopedia of Social Sciences, New York: The Macmillan Company; London: The Free Press, 1972. v. 13/14.
- ¹⁸ CARRANZA, Brenda. *Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia e instituição*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 2005; SOUZA, André Ricardo. Igreja in Concert. Padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
- ¹⁹ OLIVEIRA, Eliane Martins. A “vida no Espírito” e o dom de ser Canção nova. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida - SP: Idéias & Letras, 2009. p. 195-221.
- ²⁰ Já tínhamos tido duas pesquisas nesses grupos de oração da UFJF, realizadas por orientandos nossos visando a sua dissertação de mestrado: a de Alessandra Cristina Rosa (2007) e Carlos Eduardo Procópio (2009) (ver bibliografia). De forma que essa pesquisa se situou como continuidade de um contato já estabelecido anteriormente. Inclusive a coordenadora geral dos GOUs da UFJF esteve presente no ato da defesa da dissertação de Alessandra Rosa.
- ²¹ MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter antropológico blues. In: *Relativizando*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ²² PEIRANO, Mariza G. S. *Antropologia no Brasil* (alteridade contextualizada). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). v. 1. Antropologia. Brasília: Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999. p. 225-266. p. 246.
- ²³ PROCÓPIO, Carlos, 2009, p. 85-86.
- ²⁴ ROSA, Alessandra Cristina. *A renovação carismática católica no espaço laico: um estudo sobre o Grupo de Oração Universitário*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - ICH/UFJF, Juiz de Fora, 2007.
- ²⁵ PROCÓPIO, Carlos, 2009, p. 79-106.
- ²⁶ SILVEIRA, Emerson Sena da. *Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos*. Porto Alegre: Armazém, 2008.
- ²⁷ PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997; CARRANZA, Brenda. *Renovação carismática católica: origens, tendências, mudanças*. Aparecida: Santuário, 2000.
- ²⁸ BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- ²⁹ PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997; CARRANZA, Brenda. *Renovação carismática católica: origens, tendências, mudanças*. Aparecida: Santuário, 2000.
- ³⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Org.). *Novas comunidades católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009. p. 73.
- ³¹ SILVEIRA, Emerson Sena. O “pop” no espírito. Festa, consumo e artifício no movimento carismático/pentecostal. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org.). *Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003(a). p. 137-158.
- ³² Idem, p. 150.
- ³³ Ibidem.
- ³⁴ Ibidem, p. 144-5.
- ³⁵ SILVEIRA, Emerson Sena da. Relatório de Pós-doutorado Jr – CNPQ, 2009, p. 186.
- ³⁶ CAMURÇA, Marcelo Ayres. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Org.). *Novas comunidades católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009. p. 59-77.
- ³⁷ Idem.
- ³⁸ STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela. Mimeografado. XXII Reunião Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, outubro de 1998. p. 13.
- ³⁹ STEIL, Carlos Alberto. *Renovação carismática católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José em Porto Alegre (RS)*. Religião e Sociedade, v. 24/1, p. 11-36, 2004.

Bibliografia

- BAUMAN, Zigmund. *A sociedade da incerteza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BECK, Ulrich. *World risk society*. London: Sage, 1999.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAGA, Antônio Mendes C. TV Católica Canção Nova: providência e compromisso x mercado e consumismo. *Religião e Sociedade*, v. 24/1, p. 113-123, 2004.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Renovação carismática católica: entre a tradição e modernidade. *Rhema*, v. 7, n. 25, p. 45-56, 2001.
- _____. As muitas faces das devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. *Fragmentos de Cultura*, v. 16, n. 3/4, p.257-270, 2006.
- CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília. *Novas comunidades católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação carismática católica: origens, tendências, mudanças*. Aparecida: Santuário, 2000.
- _____. *Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia e instituição*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- CSORDAS, Thomas. *The sacred self: a cultural phenomenology of charismatic healing*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1994.
- DUBET, François. *Le déclin de l'institution*. Paris: Seuil, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. v. 3.
- GIDDENS, Anthony. A vida numa sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Christianisme et Modernité* (éd. avec R. Ducret et P. Ladrière). Paris: Cerf, 1990.
- _____. Renouveaux émotionnels contemporains. Fin de la sécularisation ou fin de la religion?. In: CHAMPION, F.; HERVIEU-LEGER, D. (Éd.). *De l'émotion en religion*. Renouveaux et traditions. Paris: Centurion, 1990. p. 217-248.
- _____. Les manifestations contemporaines du christianisme et la modernité. In: HERVIEU-LÉGER, D.; DUCRET, R.; LADRIÈRE, P. *Christianisme et modernité*. Paris: Cerf, 1990b. p. 297-316.
- _____. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993.
- _____. Catolicismo: el desafío de la memoria. *Sociedad y Religión*, n. 14/15, p. 9-28, 1996b (traducción de Lydia Subotosky y Maria Eva Hadida).
- _____. La religion des européens: modernité, religion secularization. In: DAVIE, G.; HERVIEU-LÉGER, D. (Éd.). *Les identités religieuses en Europe*. Paris: La Découverte, 1996a. p. 9-23.
- _____. *La religion en miettes ou la question des sectes*. Calmann-Lévy, 2001.
- _____. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003.
- LEACH, Edmund. Ritual. *International Encyclopedia of Social Sciences*, New York/London: The Macmillan Company & The Free Press, v. 13/14, 1972.

- MARIZ, Cecília L. A renovação carismática católica: uma igreja dentro da Igreja?. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 169-186, 2003.
- MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter antropológico blues. In: *Relativizando*, Petrópolis: Vozes, 1978.
- OLIVEIRA, Eliane Martins de. O mergulho no Espírito Santo: interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era (o caso da Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova). *Religião e Sociedade*, v. 24/1, p. 85-112, 2004.
- PEIRANO, Mariza G. S. *Antropologia no Brasil* (alteridade contextualizada). O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995). Antropologia. Brasília: Sumaré/ANPOCS/ CAPES, 1999. p. 225-266). v. 1.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.
- PROCÓPIO, Carlos. A RCC na universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Org.). *Novas comunidades católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009. p. 79-106.
- ROSA, Alessandra Cristina. *A renovação carismática católica no espaço laico: um estudo sobre o Grupo de Oração Universitário*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - ICH/UFJF, Juiz de Fora, 2007.
- SILVEIRA, Emerson Sena. A “posse de Espírito”: cuidado de si e salvação. *Rhema*, v. 6, p. 143-169, 2000.
- _____. O “Pop” no espírito. Festa, consumo e artifício no movimento carismático/pentecostal. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org.). *Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003(a). p. 137-158.
- _____. *Tecnologia e ética de si: subjetividade e performance na cura interior católico-carismática a partir da figura do curador*. Tese (Doutorado) - PPCIR/UFJF, 2006.
- SOUZA, André Ricardo. *Igreja in concert*. Países cantores, mídia e marketing. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005.
- STEIL, Carlos Alberto. *Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela*. Mimeografado. XXII Reunião Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, out. 1998.
- _____. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José em Porto Alegre (RS). *Religião e Sociedade*, v. 24/1, p. 11-36, 2004.